



**HISTÓRIA DO LAZER NO ANTIGO DISTRITO DE
SANTANA DO JACARÉ, OESTE DE MINAS GERAIS, C.
1888-1920**

**LEISURE HISTORY IN THE ANCIENT DISTRICT OF
SANTANA DO JACARÉ, WEST MINAS GERAIS, C. 1888-
1920**

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral*

Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

 <https://orcid.org/0000-0002-3272-1174>

dvoamaral@gmail.com

RESUMO: Este artigo almeja investigar a dinâmica histórica do lazer em um pequeno distrito rural do interior de Minas Gerais na transição entre os séculos XIX e XX. Mais especificamente, analisa-se a história do lazer no distrito de Santana do Jacaré examinando jornais, dados censitários, questionários agrícolas e processos-crime. Em linhas gerais, é apresentado uma interpretação histórica em que o modo de produção dos setores rurais é apontado como principal elemento explicativo para a ampliação ou a escassez de novas modalidades e regimes de ocupação social do tempo livre.

PALAVRAS-CHAVE: História; lazer; cultura; Minas Gerais. Santana do Jacaré.

ABSTRACT: This article aims to investigate the historical dynamics of leisure in a small rural district in the interior of Minas Gerais during the transition between the 19th and 20th centuries. Specifically, the history of leisure in the Santana do Jacaré district is analyzed by examining of newspapers, census data, agricultural surveys and criminal proceedings. In broad terms, a historical interpretation is presented, identifying the means of production in rural sectors as the primary explanatory factor for the expansion or scarcity of new modalities and regimes of social time occupation.

KEYWORDS: History; leisure; culture. Minas Gerais. Santana do Jacaré.

* Doutor em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros, Campus Januária.

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre a história do lazer em Minas Gerais no período de transição dos séculos XIX e XX já contam com uma apreciável fortuna crítica. No entanto, tanto por limitações documentais quanto por razões teóricas, esses estudos costumam estar dedicados a cidades politicamente, economicamente e culturalmente mais dinâmicas. Praticamente não existem trabalhos com análises das diversões nos menores e mais ruralizados distritos mineiros. No que diz respeito às limitações documentais, as nucleações pequenas e distantes dos centros metropolitanos apresentam preservação mais precária, o que desencoraja tentativas investigativas nesse sentido (DIAS *et al.*, 2014). Quanto às razões teóricas, nota-se uma ênfase usual nos vínculos históricos entre urbanização, industrialização e a conformação de uma demarcação mais nítida entre o tempo do trabalho e do não trabalho, a partir de então identificado como lazer. Partindo dessas premissas, pesquisas sobre o assunto frequentemente pressupõem que o lazer inexistia em ambientes pouco ou nada urbanizados (DIAS, 2018; AMARAL, DIAS, 2019).

Não surpreende, portanto, que as investigações históricas do uso do tempo livre em diferentes pontos de Minas Gerais tenham como eixo norteador os processos de desenvolvimento urbano. Em geral, estudos recentes sobre Belo Horizonte (MOTA, 2018), Diamantina (OLIVEIRA, 2016), Divinópolis (AMARAL, 2016), Pouso Alegre (NOGUEIRA JUNIOR, 2017), Montes Claros (ALVES; NETO; SILVA, 2021), Ouro Preto (BIBBÓ, 2017) e São João del-Rei (FERNANDES, 2019) estiveram todos interessados em compreender a introdução de elementos modernizadores materiais e comportamentais, bem como a manutenção de aspectos tradicionais e o repertório lúdico de grupos populares, tendo o perímetro urbano como uma espécie de laboratório inviolável. Isso justifica a centralidade do uso de jornais, com seus cronistas ávidos por novidades, numa época em que o estado mineiro experimentava, progressivamente, uma “pequena revolução dos costumes”, com a oferta cada vez mais abundante e diversificada de inovações no campo do entretenimento (DIAS; MACHADO; HOSKEN, 2019). Essas pesquisas utilizam ainda, secundariamente, outras fontes primárias, com dados informacionais também circunscritos ao ambiente urbano, como fotografias, revistas, obras de memorialistas e documentos das Câmaras Municipais.

Mas até que ponto o desenvolvimento urbano foi, de fato, um agente causal privilegiado para compreender o lazer em Minas Gerais na virada para o século passado?

Em 1920, o estado mineiro constituía-se territorialmente de 179 municípios que administravam politicamente 789 distritos. Por meio do cotejamento de anuários estatísticos, é possível constatar que, nas sedes municipais, ou seja, nas cidades emancipadas que geralmente concentravam a maior parte dos comércios, pequenas indústrias e serviços públicos (e, por isso mesmo, eram mais urbanizadas), aproximadamente 73% dos seus moradores residiam em povoações rurais (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 926-931). Nos distritos, mesmo que os anuários não ofereçam informações sobre sua organização geopolítica, é possível especular que essa porcentagem seja ainda maior, uma vez que se tratava de localidades demograficamente rarefeitas: 92% das nucleações distritais contavam com uma população inferior a 10 mil habitantes (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 843-857).

Essa concentração populacional majoritariamente em áreas rurais pode ser entendida como um resultado da proeminência econômica das atividades agrícolas e pastoris. Em 1919, Minas Gerais teve recenseados 115.665 estabelecimentos produtores de açúcar, aguardente, álcool, algodão, arroz, batata-inglesa, café, cana-de-açúcar, cascas, castanha, cera, coco, farinha, feijão, fibras, fumo, lã, laticínios, madeira, mamona, mandioca, mel, milho, polvilho, resinas, tapioca, trigo e vinho, além do maior rebanho brasileiro, a saber, 23.128.065 cabeças de gado, porco e aves. Mesmo as 1.349 indústrias existentes neste ano, aproximadamente 53% delas dedicavam-se à produção ou ao beneficiamento de algodão, arroz, café, charque, curtumes, farinha de fubá, mandioca, milho e polvilho, e produtos derivados do leite (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 251-253). Não sem razão, enquanto 24% da mão de obra que trabalhava de forma remunerada e declarava sua profissão atuava na “administração”, “comércio”, “indústria”, “profissões liberais”, “transporte” e “serviços domésticos”, a “exploração do solo”, por outro lado, empregava, sozinha, 76% do contingente laboral assalariado (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 393-481).

Todos esses dados elucidam o caráter acentuadamente rural da vida em Minas Gerais naquela época, sugerindo uma inadiável necessidade de mudança de foco nas análises que tratam da história do lazer, deslocando-se dos centros citadinos para as propriedades e povoações do campo. Isso não significa dizer que o estabelecimento de correlações entre processos de urbanização e transformações na organização social dos tempos e na fruição dos momentos de lazer seja algo errado em si mesmo, como bem demonstram diversos nexos de fato presentes entre essas esferas. O estabelecimento dessas correlações interpretativas é apenas incompleto. É necessário superar uma visão na

qual “transformações históricas do mundo rural são quase sempre compreendidas como meros reflexos de transformações históricas do mundo urbano” (AMARAL, 2023, p. 18).

Neste artigo, ao tentar inverter, ou, no mínimo, equilibrar a ordem citada acima, analisa-se a dinâmica histórica do lazer no antigo distrito de Santana do Jacaré, situado na região do Oeste mineiro, durante a transição entre os séculos XIX e XX. Ao invés de enfatizar unilateralmente as transformações materiais e comportamentais que ocorreram na sede urbana, como fazem outros estudos, reproduzindo e reforçando uma espécie de cânone teórico já instituído, a presente interpretação, em direção ligeiramente diferente, investiga os processos de desenvolvimento rural e seus impactos na estrutura material, comércios e fruição de momentos de lazer no pequeno distrito santanense. Em linhas gerais, parte-se da hipótese de que os níveis de produtividade e concentração demográfica nas povoações rurais refletiram, decisivamente, na organização e oferta de inovações no campo do entretenimento na parte citadina.

As principais fontes mobilizadas por esta pesquisa são os exemplares do jornal *Gazeta de Minas*, publicado na cidade de Oliveira e disponível no acervo digital do próprio editorial. O jornal foi fundado em 1887 pelo português Antônio Fernal, com o nome de *Gazeta de Oliveira*. Em 1899, já com periodicidade semanal, foi renomeado para *Gazeta de Minas*. A mudança expressava claramente as novas ambições que cercavam o periódico. Nesse ano, a *Gazeta* se declarava como o “jornal de maior formato e circulação do estado de Minas Gerais”, o que, apesar de provavelmente exagerado, dado que desde antes já havia jornais com circulação diária em Minas Gerais, expressava, mesmo assim, o novo horizonte de expectativas ao redor do periódico (GAZETA DE MINAS, 1 jan. 1899, p. 1). Este conjunto documental reúne mais de 1500 edições para o período em estudo, sendo necessário um laborioso esforço para reunir notícias ou fragmentos de notícias sobre Santana do Jacaré, em uma atividade quase arqueológica.

Com vistas a ampliar o escopo documental da pesquisa, foram consultados, também, questionários agrícolas e censos demográficos, econômicos e sociais, que apresentam dados robustos sobre, entre outras coisas, as povoações, as profissões, os salários e os volumes de produção e exportação dos setores rurais. Esses documentos estão disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda (<http://memoria.org.br/>). Já, no que diz respeito às sociabilidades lúdicas dos moradores e trabalhadores do campo, usualmente inviabilizadas nas páginas periódicas, a pesquisa se valeu de processos-crime do fórum de Oliveira, depositados nos Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes

(https://documenta.direito.ufmg.br/modules/fundos_colecoes/), que registram brigas em mesas de jogos, insultos em tabernas, ou ainda facadas, tiros e espancamentos em batuques. Por fim, acessoriamente, foram mobilizadas fotografias, especialmente de vistas panorâmicas, festas religiosas e momentos de lazer na sede distrital e áreas rurais do distrito de Santana do Jacaré, cotejadas no acervo digital da página Santana do Jacaré, História e Cultura ([Santana do Jacaré/MG - História e Cultura](#) | [Santana do Jacaré MG](#) | [Facebook](#)).

FESTAS E DIVERSÕES TRADICIONAIS EM SANTANA DO JACARÉ

No final do século XIX, a atual cidade de Santana do Jacaré era um dos menores distritos da Zona Oeste de Minas Gerais.¹ Vinculado ao município de Oliveira, sua população, em 1890, era de 1.616 moradores, segundo registros oficiais do poder público estadual² (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 40). Não é possível determinar como era a organização geopolítica do distrito santanense nesse período, especialmente a divisão dos imóveis e dos moradores residentes na parte citadina e nas áreas rurais. Apenas em 1920 é possível encontrar descrições detalhadas das povoações que estavam na jurisdição distrital. De acordo com dados oficiais, Santana do Jacaré possuía nove povoados rurais, distantes no máximo 15 quilômetros do centro urbano, a saber: Callogy, Lavrinha, Moenda, Morembá, Quebra Dentes, Ribeirão, Serra, Surjão e Zagaia (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 637).

De maneira mais geral, notícias do jornal *Gazeta de Oliveira* revelam que o setor produtivo do município de Oliveira se estruturava a partir de uma economia rural, ancorada na produção de gêneros agropecuários para o abastecimento local e a exportação de gado para o Rio de Janeiro (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 de fevereiro de 1888, p. 1). Neste cenário, o distrito de Santana do Jacaré parecia cumprir, em primeiro lugar, funções de abastecimento alimentar da região, comercializando excedentes com a

¹ Segundo o relatório de finanças de Minas Gerais, referente ao ano de 1922, a porção do Oeste mineiro era composta de 27 sedes municipais que administravam, politicamente, 95 distritos. Neste conjunto de nucleações, Santana do Jacaré ficava demograficamente à frente apenas dos distritos de Nossa Senhora do Carmo dos Pahius (770 moradores), vinculado ao município de Formiga, São Joaquim das Bicas (1.398 moradores), vinculado ao município do Pará e São Gonçalo do Ibituna (1.426 moradores), vinculado ao município de São João del-Rei (MINAS GERAIS, 1923, p. 371-373).

² Nessa época, a conformação política do município, além de Santana do Jacaré, constituía-se da cidade de Oliveira (5.209 moradores), centro administrativo, e dos distritos de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida (2.250 moradores), Nossa Senhora da Aparecida do Cláudio (5.076 moradores), Nossa Senhora do Carmo do Japão (3.759 moradores), Nossa senhora da Glória do Passa Tempo (4.315 moradores) e São Francisco de Paula (8.063 moradores) (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 40).

vizinha cidade de Campo Belo. Além de pequenas transações financeiras, sobretudo, o comércio de gado, uma parte significativa do trabalho social realizado no distrito em fins do século XIX parecia girar ao redor da subsistência. Artigos de jornais da época falavam da existência, nos quintais das nucleações do município, de canteiros de hortaliças, árvores frutíferas e chiqueiros de porcos, além da presença, nas ruas centrais, de cabritos, galinhas, perus e gado, sempre condenando tais episódios como exemplos de falta de civilidade (cf., por exemplo, GAZETA DE OLIVEIRA, 18 de dezembro de 1898, p. 2; GAZETA DE MINAS, 28 de maio de 1899, p. 1; GAZETA DE MINAS, 20 de outubro de 1900, p. 1).

Na parte citadina do distrito, sem disponibilidade de serviços de calçamento nas ruas, iluminação pública ou água encanada, e com pouco mais de 100 casas distribuídas nas imediações das igrejas Matriz e Rosário, um pequeno comércio buscava suprir necessidades básicas dos moradores e trabalhadores das povoações (Figura 1). Uma característica marcante da vida cotidiana das pequenas localidades do interior de Minas Gerais naquele período é a sazonalidade que afetava boa parte das sedes urbanas, com um certo marasmo nos dias úteis e uma maior movimentação de pessoas nos fins de semana, dias de festas e feriados. Cidades eram, às vezes, chamadas de “vilas domingueiras”, uma vez que era habitual que comércios e até mesmo casas fossem ocupadas aos sábados e domingos, quando populações rurais se deslocavam até o núcleo dessas localidades para assistir missas, participar de festividades cívicas e religiosas, abastecerem-se, ou ainda tomar parte de outras atividades sociais (CUNHA, 2009).

Figura 1. Vista panorâmica da sede citadina de Santana do Jacaré (registro sem data)



Fonte: Acervo da página Santana do Jacaré, MG, História e Cultura.³

³ Página virtual de compartilhamento de material histórico sobre Santana do Jacaré hospedada dentro da rede social *Facebook*.

Em meados de fevereiro de 1914, por exemplo, no adjacente distrito de São Francisco de Paula, um viajante, ao registrar suas “impressões” do “pitoresco lugar”, deixou transparecer, involuntariamente que seja, essa característica “domingueira” das nucleações distritais do município. Segundo foi narrado:

Nota-se no arraial, algum capricho nas casas mais centrais, as quais se não primam pela arquitetura ou estilo moderno, destacam-se pelo asseio e limpeza exteriores.

A sua população é pequena, mesmo assim existem casas fechadas (dentre as melhores).

São de propriedade de fazendeiros que delas se utilizam em épocas de festas (GAZETA DE MINAS, 15 de fevereiro de 1914, p. 1).

Sob essas condições, a parte citadina de Santana do Jacaré oferecia a menor estrutura de serviços e comércios entre as nucleações municipais. Lançamentos do Imposto de Indústrias e Profissões, datados do início da década de 1910, com dados dos contribuintes do município, revelam na sede santanense a existência de uma farmácia, quatro estabelecimentos de fazendas⁴ e nove tavernas (uma nos povoados). Na cidade de Oliveira, nessa mesma época, a título de comparação, ofereciam serviços 24 estabelecimentos de fazendas (um nos povoados), 29 tavernas (três nos povoados), quatro farmácias, quatro dentistas, quatro advogados, dois médicos, dois hotéis, duas padarias, um açougue, um agente de clubes, uma alfaiataria, uma barbearia, um bilhar, um cinema, um engenheiro, um pedreiro, um restaurante e uma tipografia (GAZETA DE MINAS, 24 de dezembro de 1911, p. 2).

Nesse cenário, diante de uma população pequena, esparsa por nove povoações, uma estrutura urbana modesta e relações de trabalho bastante dedicadas a atividades de subsistência, não surpreende o fato das principais formas de divertimento em Santana do Jacaré estarem ligadas às práticas mais tradicionais do universo rural. Batuques, festas particulares ou públicas, jogos de azar e tavernas pareciam constituir as principais oportunidades de lazer no distrito santanense entre o fim do século XIX e princípios do XX. Via de regra, as principais sociabilidades lúdicas aconteciam na sede distrital, nos finais de semana e feriados, com a presença dos moradores rurais e, nos festejos de maior pompa, com a participação de visitantes das nucleações circunvizinhas. Eventualmente, moradores locais poderiam ser registrados integrando festividades de

⁴ Segundo tabelas publicadas pela Câmara Municipal de Oliveira, com os valores dos impostos que deveriam ser recolhidos sobre comércios, serviços, profissionais liberais e indústrias, os estabelecimentos de fazendas comercializavam “armarinho, ferragens, chapéus de sol e de cabeça, calçados, roupas feitas, arreios, armas, couro, louças, máquinas, bebidas e gêneros do país” (GAZETA DE MINAS, 3 de março de 1912, p. 2).

lugares próximos, não sendo raro, também, a fruição de momentos de lazer nas áreas rurais do distrito.

No caso das festividades, havia um calendário relativamente abundante disponível. Comemorações de dias santos promovidas pela Igreja Católica, por exemplo, ofereciam boas oportunidades de diversão para os moradores do distrito. Em Minas Gerais, neste período, os eventos que compunham o calendário do catolicismo romano e popular eram acontecimentos culminantes das interações sociais (PERES, 2018). “Cidadezinhas vazias” do interior eram caprichosamente enfeitadas, em razão do dia santificado, para receber os visitantes rurais, cuja chegada dos carros de bois sinalizava que a festa estava por iniciar. “As ruas deixavam sua habitual solidão com os últimos preparativos” (LOTT, 2009, p. 33).

Em Santana do Jacaré, os festejos católicos combinavam, na maioria das vezes, práticas sagradas e profanas, iniciando com pregações e missas dentro dos templos, estendendo-se para ruas, praças e residências particulares com bailes, cavalhadas, músicas mundanas e procissões. Em fevereiro de 1899, por exemplo, as comemorações do Sagrado Coração de Jesus, organizadas pelo Padre João Batista de Souza Rosa, tiveram em sua composição “cavalhadas” e “um deslumbrante baile” (GAZETA DE OLIVEIRA, 17 de fevereiro de 1899, p. 2). Em outubro de 1898, realizaram-se as “tradicional festas do Rosário”, com a participação de “todos os fazendeiros do distrito”, encontrando ali, nas palavras de um correspondente anônimo, “boa vontade do povo para o maior brilho da festa” (GAZETA DE OLIVEIRA, 9 de outubro de 1898, p. 1). Já em 1919, um grupo de “senhoritas” organizou, com “grande concorrência”, a procissão de Nossa Senhora de Santana. O ato revestiu-se de “muito brilho” e a procissão, formada por “duas alas de homens e senhoras”, foi acompanhada, em todo percurso, pela Banda Euterpe Santanense (GAZETA DE MINAS, 10 de agosto de 1919, p. 2).

Figura 2. Cavalhadas no Largo do Rosário de Santana do Jacaré (registro sem data).



Fonte: Acervo da página Santana do Jacaré, MG, História e Cultura.

Essa arrumação plural dos festejos religiosos coadjuvava para que os moradores do distrito integrassem, também, comemorações católicas de lugares vizinhos. Foi o que aconteceu no final de julho de 1890, na cidade de Santo Antônio do Amparo. Nesta ocasião, um “grande concurso de povo do lugar, de Perdões, Santana do Jacaré, Oliveira e outros lugares vizinhos” prestigiou os festejos em homenagem a São Sebastião. Segundo registros de um correspondente local, “divertimentos não faltaram”. O ato religioso iniciou com uma procissão com a imagem do santo pelas ruas centrais, seguindo-se queima de fogos de artifício e espetáculo da Lyra Musical de Santo Antônio do Amparo no Largo da Matriz, “excelente e agradável” baile, “ao som de piano e da orquestra”, na casa da professora Exma. Sra. D. Florentina, e representação teatral, no interior de um “teatrinho improvisado”, onde foi representado, por um grupo de amadores, o drama “A conversão” (GAZETA DE OLIVEIRA, 3 de agosto de 1890, p. 2).

Festas para comemorar a inauguração de melhoramentos capazes de afetar a vida dos moradores de Santana do Jacaré eram outra forma de agitar as sociabilidades públicas locais. Em outubro de 1898, por exemplo, “grandes festas” foram celebradas por ocasião das inaugurações da ponte sobre o Rio Jacaré e da captação da água potável, com a participação de “todos os fazendeiros” do distrito e “muitas pessoas de Lavras, Campo Belo, Perdões, Santo Antônio do Amparo e Cana Verde”. O evento teve como principais atrações solenidade religiosa com a bênção eclesiástica do Padre Antônio Cardoso, execução, pela banda de música Santa Cecília, do hino nacional, espetáculo pirotécnico e “esplêndido baile com a concorrência de gentis senhoras e muitos cavalheiros, dançando-

se animadamente até o alvorecer do dia seguinte e sendo irrepreensível o serviço de buffet” (GAZETA DE OLIVEIRA, 9 de outubro de 1898, p. 1).

Música, danças e buffet não ocorriam apenas no desenvolver de festas promovidas pela Igreja Católica e pelo setor público. Correspondentes da imprensa municipal revelam, nas nucleações distritais de Oliveira, diversos concursos de famílias abastadas, como formaturas, casamentos, aniversários e batizados, quase invariavelmente com danças regadas de comida e bebida. Em dezembro de 1893, no “pitoresco arraial” de Carmo da Mata, o Sr. Theodoro José Teixeira solenizou, nos salões do seu palacete, o batizado do seu “filhinho e do netinho”. Com a presença da “melhor sociedade” local e da Banda de Música Carmense, dançou-se “até a madrugada”, “valsas”, “polcas” e “entusiásticas quadrilhas”, interrompidas apenas para o café e para a “lauta ceia” (GAZETA DE OLIVEIRA, 1 de dezembro de 1893, p. 1). Em outro registro, datado do final de agosto de 1897, na Fazenda de Vista Alegre, no distrito de Passa Tempo, casaram-se o Sr. Damaso José da Silva e a Exma. Sra. D. Juvencina Candida de Moraes. O ato religioso, prestigiado por “pessoas gradadas do lugar”, foi acompanhado de um “opíparo jantar” e de um baile, dançado até às 6 horas da manhã, ao som da Banda de Música Sales & Abreu (GAZETA DE OLIVEIRA, 29 de agosto de 1897, p. 2).

No distrito de Santana do Jacaré, da mesma forma, jornalistas da imprensa municipal relataram a ocorrência de festas domiciliares com a participação de grupos abastados. Em maio de 1906, por exemplo, um cronista anônimo do jornal *Gazeta de Minas* enviou felicitações e agradeceu o convite para participar da “profusa festa” promovida na sede santanense, em que se celebrou o consórcio do Sr. Juliano Antônio Cardoso com a Exma. Sra. D. Maria Gertrudes Ferreira Cardoso (GAZETA DE MINAS, 13 de maio de 1906, p. 1). No ano seguinte, o Sr. Antônio José Ignácio utilizou as colunas da “conceituada *Gazeta de Minas*” para manifestar sua “gratidão ao hospitaleiro povo de Santana do Jacaré”, em especial ao maestro José Fernandes, que abrilhantou, com a banda de música, o casamento do seu filho, realizado em uma das fazendas do distrito (GAZETA DE MINAS, 6 de outubro de 1907, p. 2).

Como usual, fontes periódicas privilegiavam a participação ou a organização de festas de famílias ricas e socialmente privilegiadas. De outra parte, grupos populares de áreas citadinas e povoações rurais também organizavam momentos de lazer, ainda que evidências documentais a esse respeito sejam mais escassas. Processos-crime do fórum do município de Oliveira, depositados nos Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes, revelam, na sede e nucleações distritais, brigas em mesas de jogos,

espancamentos em batuques e assassinatos envolvendo o uso exagerado de bebidas alcoólicas em tavernas. Desse modo, por vezes involuntário, esta documentação de natureza policial permite entrever parte do cotidiano e formas de ocupação do tempo das pessoas envolvidas nessas querelas judiciais (NAKAYAMA, LISBOA, DIAS, 2023). Como bem observou Daniel Roche (2004): quem quiser encontrar os pobres deve seguir a polícia.

Em novembro de 1878, no povoado Martins, na cidade de Oliveira, a lavadeira e fiadeira Maria Tereza foi agredida com um sabre pelo guarda municipal Joaquim Teixeira dos Santos, durante um batuque que ocorria na casa de Silvério de tal. O réu justificou a agressão alegando que havia pedido à ofendida que “não dançasse mais e ela não deu ouvidos” (AHCRM, 1878). Em novembro de 1890, no distrito de Cláudio, o peão André José Pimentel estava em uma taverna tomando aguardente com Joaquim Julião das Neves, quando iniciou-se uma discussão e ambos começaram a proferir insultos. O réu André desferiu diversas facadas e disparou dois tiros de garrucha em Joaquim, ficando a vítima gravemente ferida (AHCRM, 1890). Em agosto de 1899, no distrito de Passa Tempo, o lavrador Francisco José de Freitas atracou-se violentamente com o comerciante João Nogueira Garcia. Ambos estavam embriagados, e o motivo das agressões mútuas foram trocas de acusações durante “uma partida de víspera” (AHCRM, 1899). Já em outubro de 1910, no distrito de Carmo da Mata, os lavradores João Gonçalves da Silva e Antônio Gonçalves das Silveira discutiram com o também lavrador Romualdo Luiz Ferreira, na taverna de Onofre Ribeiro de Castro, “por causa de um tento no jogo em que participavam”. Romualdo, após deixar o estabelecimento, foi perseguido e assassinado por João e Antônio com pauladas e um tiro de garrucha (AHCRM, 1910).

Em Santana do Jacaré também é possível encontrar ocorrências criminais de grupos populares em situações de divertimentos, especialmente a embriaguez em tavernas, estabelecimentos que somavam, no início da década de 1910, quase 70% das casas de comércio com licenças de funcionamento no distrito (GAZETA DE MINAS, 24 de dezembro de 1911, p. 2). Segundo Chalhoub (2012), tavernas e botequins constituíam-se, nessa transição dos séculos XIX e XX, como centro aglutinador e difusor de informações, uma espécie de “observatório popular”. Nestes espaços surgiam e desenrolavam conflitos pelos mais variados motivos, sendo muitas contendas ligadas ao lazer, como a jogatina e o consumo de bebidas alcoólicas. Carollina Bibbó (2017), ao analisar os botequins da antiga capital mineira, Ouro Preto, no final do século XIX,

afirma que as casas de molhados estavam, aos olhos das elites letradas, intimamente ligadas ao alcoolismo, à prostituição e aos jogos ilícitos, representações que, em alguma medida, ajudam a explicar a quase inexistência de informações, na imprensa de Oliveira, da dinâmica interna dessas casas.

Em outubro de 1908, o barqueiro Manoel Bernardo Monteiro, que estava bebendo vinho em uma das tavernas da sede de Santana do Jacaré, saiu pelas ruas do distrito, “já bastante embriagado”, dizendo que queria “dar pancada em muita gente”. Neste ínterim, o comerciante Álvaro Batista Cardoso perguntou “ao embriagado” em quem ele queria bater, “ao que Manoel respondeu que era nele próprio”. Diante disso, Álvaro deu um tiro em Manoel, que veio a falecer dois dias depois (AHCRM, 1908). Já em abril de 1913, os lavradores Antônio Gustavo da Silva e Gabriel Martins da Silva entraram em luta corporal na taverna do Sr. Antônio Leocádio Teixeira Sobrinho, situada na Rua do Cruzeiro, “devido ao ciúme de Antônio por sua mulher que conversava ali com Gabriel” (AHCRM, 1913). Em outro registro de Santana do Jacaré, dessa vez em março de 1918, estavam na taverna de propriedade do Sr. Antônio Ferreira de Melo várias pessoas, entre elas o pedreiro João Batista Simões Júnior, vulgo João Português. Em determinado momento, chegou ao local o inspetor José Paulistino, que logo iniciou, sem motivo aparente, uma discussão com João Português, agredindo-o fisicamente (AHCRM, 1918).

Com efeito, apesar de uma vida social mais ou menos intensa, cronistas da imprensa municipal recorrentemente veicularam notas queixando-se de monotonia, tédio e tristeza. Mesmo na sede municipal, núcleo mais urbanizado e, em tese, com maior oferta de entretenimento, notas jornalísticas denunciavam o que era entendido como cidade “deserta”, “morta”, “sorumbática” e “vazia” (cf. GAZETA DE MINAS, 4 de abril de 1899, p. 2; GAZETA DE MINAS, 14 de abril de 1900, p. 1). Em 1904, um cronista que assinava com o pseudônimo de D. Fuas chegou a reclamar da falta de diversões enquanto se divertia. Segundo lamentou, em tom de ironia, “estamos no fim de julho, sétimo mês do ano, e só fiz trezentos e oitenta e nove mil quatrocentas e cinquenta visitas por motivos de aniversários dos habitantes da muito nobre, invicta e leal cidade de Oliveira”. Isso se justificava por não ter, na sede oliveirense, nas suas palavras, “onde passar as noites” (GAZETA DE MINAS, 24 de julho de 1904, p. 1). Alguns anos antes, outro cronista que assinava com o pseudônimo de Itagatheles fez um diagnóstico parecido: “É tal a falta de diversões que há por aqui [Oliveira], que vivemos numa tristeza

quase igual à de um candidato derrotado” (GAZETA DE MINAS, 14 de outubro de 1900, p. 1).

Naturalmente, tais queixas não confirmam a ausência completa de divertimentos no município; pelo contrário, uma série de episódios foi registrada por aqueles mesmos que apontavam tais faltas. Na verdade, o que se percebe é uma frustração das elites que escreviam nos jornais com a abundância de entretenimentos vinculados ao universo tradicional, “caiporismo”, conforme chamou um cronista (GAZETA DE MINAS, 24 de julho de 1904, p. 1), e a escassez de práticas de lazer entendidas como mais modernas, sofisticadas e inovadoras. Em síntese, lamentavam-se a ausência ou a pequena presença de diversões compatíveis com os valores simbólicos dos grandes centros urbanos. Segundo Lilian Schwarcz (2012), a virada do século XIX para o XX foi marcada, no Brasil, por um desejo quase obsessivo das elites citadinas de modernizar as estruturas urbanas e os hábitos cotidianos, tendo como grande modelo civilizatório o mundo europeu, com uma sociabilidade urbana almejada por outras sociedades.

Nesses termos, não é por outra razão que as notas veiculadas na imprensa de Oliveira denunciando um suposto quadro de “monotonia insuportável” eram quase sempre acompanhadas de pedidos para construção de bibliotecas, cafés, jardins públicos, teatros ou ainda fundação de clubes sociais. O próprio cognominado D. Fuas, como já citado, em sua queixa de não ter, na cidade de Oliveira, “onde passarem-se as noites”, fazendo, por isso, “trezentos e oitenta e nove mil quatrocentos e cinquenta visitas de cumprimentos por motivos de aniversário”, explicitou essa outra e moderna escala de valores desejada pelas elites locais:

[...] Se houvera uma biblioteca, um club, uma sociedade mesmo em que a gente se aborrecesse, eu seria o primeiro a abandonar a mania de festejar os aniversários dos outros, exceto de amigos íntimos, para ir ler um livro ou passar horas em agradável palestra.

Está por demais reconhecida a necessidade de montarmos em Oliveira um club onde se passe uma parte das monótonas noites da nossa pacata cidade.

É tão fácil e simples a realização desta ideia que qualquer pode com um pouco de boa vontade levá-la avante.

Ninguém se negará a concorrer para se pôr em “pratos limpos” este complemento indispensável da nossa sociedade toda amante do progresso e da civilização (GAZETA DE MINAS, 24 de julho de 1904, p. 1).

Espectáculos oferecidos por companhias itinerantes pareciam ser uma das poucas oportunidades dos moradores municipais de terem acesso a práticas de lazer supostamente progressistas e de bom gosto, ou, nas palavras de um cronista oliveirense,

“à moda das finas sociedades” (GAZETA DE MINAS, 7 de janeiro de 1906, p. 1). Esses grupos ambulantes que comercializavam espetáculos de diferentes gêneros artísticos, a exemplo de circo, cinematógrafo, fantoche, mágica, música, teatro e tourada, muitas vezes sem distinção clara, periodicamente excursionavam por regiões do interior do país, cuja extensão de suas estadias poderiam variar de poucos dias até alguns meses em certos casos, o que parecia depender do modelo de espetáculo, do tamanho do corpo artístico e da receptividade do público (AMARAL, DIAS, 2017). Segundo Regina Duarte (1995), em estudo sobre a história do circo e do teatro em Minas Gerais no século XIX, a chegada dos artistas ambulantes transfigurava as vivências cotidianas dos moradores incrustados nos sertões mineiros com inovações, notícias, hábitos e as mais novas modas deflagradas nos principais centros do Brasil e da Europa.

Estudos recentes apontam que a inauguração de ferrovias em Minas Gerais, no quartel final do século XIX, facilitaram o tráfego de companhias artísticas, uma vez que os vagões ferroviários permitiam um transporte com mais rapidez, segurança, conforto, previsibilidade e menores custos. No Oeste mineiro, onde situava-se o distrito de Santana do Jacaré, após a inauguração e interiorização dos trilhos da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), processo ocorrido entre o final da década de 1880 e o ano de 1900, a presença de circos triplicou neste intervalo de tempo, tendo as companhias privilegiado localidades com estações da EFOM (XAVIER, AMARAL, DIAS, 2019).

Ao acessar uma localidade atendida pelos trilhos ferroviários, era comum que companhias artísticas excursionassem, com veículos de tração animal, por povoações adjacentes, sem ferrovias,⁵ especialmente em datas festivas, aproveitando possibilidades de ganhos financeiros com a presença dos moradores rurais e de lugares vizinhos. Em tais circunstâncias, em Santana do Jacaré, que no período estudado não foi atendida por ramais da ferrovia, na primeira semana de agosto de 1892, o diretor da Companhia Equestre União Artística, também conhecida como Circo Olympico, Manoel José de Barros, em excursão pelas localidades de Carmo da Mata, Cláudio e Oliveira, veiculou um pequeno anúncio no jornal Gazeta de Oliveira, direcionado ao “respeitável público de Santana do Jacaré”, dizendo que sua companhia visitaria o distrito, por ocasião das festas religiosas em homenagem a Nossa Senhora de Santana, prometendo, no contexto

⁵ A inauguração do transporte ferroviário tendia a estimular melhoramentos de estradas que ligavam a localidade recebedora dos vagões aos distritos e povoados não atendidos por este serviço. Desse modo, conforme concluíram Xavier, Amaral e Dias (2019), “cidades sem ferrovias, mas dentro de um certo raio de distância das cidades com ferrovias, também eram atingidas por transformações desse novo meio de transporte” (p. 150).

das festas, “dar alguns espetáculos” (GAZETA DE OLIVEIRA, 7 de agosto de 1892, p. 2).

PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DO LAZER EM SANTANA DO JACARÉ

Nos anos finais do século XIX, o município de Oliveira enfrentou uma importante crise econômica ocasionada pela desarticulação das lavouras, após o fim da escravidão, e uma queda de 32%, entre 1897 e 1900, das exportações de gado para o Rio de Janeiro, esta última atividade entendida em matérias de jornais como “a vida do município” (GAZETA DE MINAS, 2 de dezembro de 1900, p. 1). Neste cenário, uma onda de falências afetou diversos negócios, especialmente na sede do município, cujos impactos se estenderam para as nucleações distritais, que além da retração produtiva, tiveram ainda redução dos repasses orçamentários, em razão da contratação de empréstimos para realização de serviços de abastecimento domiciliar de água em todos os distritos municipais. Em fevereiro de 1900, um cronista do jornal Gazeta de Minas chegou a dizer que a Câmara Municipal, em razão dos empréstimos, estava obrigada a restringir

despesas, pautando-se de uma “severa economia” (GAZETA DE MINAS, 2 de dezembro de 1900, p. 1).

Na virada para o novo século, mudanças estruturais se processaram paulatinamente na esfera produtiva do município. Nessa época, os produtores rurais foram, aos poucos, adaptando-se ao trabalho livre, e a exportação de gado para o Rio de Janeiro apresentou um crescimento de 140% ao longo da década de 1900. Beneficiadores de café e arroz e fábricas de laticínios foram inauguradas na cidade de Oliveira e em diferentes pontos distritais (MINAS GERAIS, 1913). Alguns distritos, como consequência, se especializaram na produção, em maior escala, de gêneros específicos, gerando um ciclo de crescimento populacional e de mão de obra assalariada, aumento das receitas públicas e dinamização do comércio citadino, processos que possibilitaram, inclusive, um movimento de emancipação política.

O distrito de Cláudio, por exemplo, descrito pela imprensa municipal como “o de maior comércio”, se especializou na produção e beneficiamento de café, abarcando, no início de 1900, quando dispomos de números mais detalhados, 75% da produção cafeeira do município, calculada, no ano de 1909, em 150 mil arrobas. Em 1911, o

distrito foi elevado à condição de vila, desmembrando-se de Oliveira. Mesmo alguns distritos que não se emanciparam tiveram, especialmente ao longo da década de 1910, processos de intensificação de investimentos e especialização dos setores agropecuários. Este novo período foi caracterizado, no município de Oliveira, por um “surto produtivo das áreas rurais”, motivado pela introdução de maquinários e inovações tecnológicas, fundação de cooperativas agrícolas e pastoris, demanda crescente das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro por gêneros alimentícios, além dos impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que ocasionaram diminuição das importações nacionais e necessidade de abastecer as nações aliadas envolvidas no conflito (AMARAL, 2023).

Carmo da Mata foi o distrito que melhor se beneficiou do novo momento produtivo, sendo escolhido para sediar, em 1916, três instalações de charqueadas, tendo como principais justificativas para tal, fertilidade dos pastos para invernagem do gado, abundância de água para limpeza das impurezas decorrentes da matança do gado e facilidades de escoamento da produção por meio da ferrovia.⁶ Em 1920, Carmo da Mata já era o maior produtor de charque de Minas Gerais, com uma exportação anual de 4.119 toneladas, número 164% maior que Campo Belo, segundo maior produtor do estado, com um volume anual de 1.560 toneladas (MINAS GERAIS, v. III, p. 710-902).

Na esteira destes processos, a população do distrito carmense, entre os anos 1890 e 1920, saltou de 2.250 pessoas para 6.964, ou seja, um crescimento de 209%, a maior parte residente nas povoações rurais de Barreira, Batatal, Cachoeira Dias, Cachoeira dos Martins, Campos, Félix da Costa, Forquilha, Paiol e Riacho (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 626). Já as receitas da arrecadação de Carmo da Mata, entre os anos de 1901 e 1920, quando dispomos de dados de balancetes publicados na imprensa municipal, saltaram de 3:000\$000 (réis) para 14:398\$000 (réis), o que representa um incremento de 379%, crescimento que se processou, especialmente, após a instalação das charqueadas (cf. GAZETA DE MINAS, 18 de novembro de 1900, p. 3; MINAS GERAIS, 19 de outubro de 1919, p. 3).

Em contexto de ampliação da demanda e do consumo, visto que os novos empreendimentos agropecuários, ao invés da tradicional subsistência, possibilitavam

⁶ Carmo da Mata era, neste momento, o único distrito do município de Oliveira que contava com trilhos ferroviários. Sua estação, pertencente à Estrada de Ferro Oeste de Minas, foi inaugurada no dia 1 de maio de 1890 (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 426).

maior empregabilidade no campo e circulação de dinheiro,⁷ comércios e serviços urbanos puderam aprimorar suas estruturas em Carmo da Mata. O mercado das diversões logo também foi impactado por essas transformações. Em 1911, foi inaugurado, nas imediações do Largo da Matriz, o “Cinema Progresso”, de propriedade dos fazendeiros Notini & Ferreira, com capacidade para 500 pessoas, tendo anexo ao “vasto salão” um café com bilhar (GAZETA DE MINAS, 7 de maio de 1911, p. 1). Seis anos depois, isto é, em 1917, um dos sócios do cinema, o Sr. Antônio Notini, auxiliado pelos capitalistas Coronel José Antônio e Capitão Joaquim Afonso, edificaram outra casa de espetáculos em Carmo da Mata, tendo o novo prédio capacidade para receber 700 pessoas (GAZETA DE MINAS, 26 de outubro de 1917, p. 1).

Direta e indiretamente, a expansão dos estabelecimentos agropecuários, da maior disponibilidade de ocupações assalariadas e das relações de troca intermediadas por recursos monetários guardava relações estreitas com a inauguração e manutenção de estabelecimentos comerciais de lazer, que progressivamente se tornavam uma mercadoria. O funcionamento de bilhares, cafés ou ainda cinemas dependiam, em larga medida, da circulação de fazendeiros e trabalhadores rurais na parte urbana das localidades, bem como da disponibilidade de dinheiro para compra de ingressos, bebidas e outros produtos comercializados nestes negócios. Não por acaso, o cinema de Carmo da Mata e de outras localidades adjacentes, inaugurados nessa mesma época, a exemplo de Bom Sucesso, Campo Belo, Cláudio, Itapeçerica, Oliveira e Perdões, ofereciam, na média, duas sessões semanais, ou seja, funcionavam apenas nos finais de semana (MINAS GERAIS, v. IV, 1926, p. 334), quando a circulação de pessoas aumentava com a vinda dos moradores das povoações rurais.

Santana do Jacaré foi o distrito do município de Oliveira que apresentou os menores índices de desenvolvimento agropecuário. Diferente, por exemplo, da produção em larga escala para exportação do café em Cláudio e do charque em Carmo da Mata, a nucleação santanense, apenas no final da década de 1910, segundo relatos de um correspondente local, viu florescer, com alguma importância, a produção de café e gado vivo, que eram enviados, em veículos de tração animal, para a vizinha cidade de Bom Sucesso (15 quilômetros de distância), sendo beneficiados e consumidos localmente ou

⁷ Segundo documentos censitários do governo de Minas Gerais de 1920, a média de salários pagos aos trabalhadores rurais do município de Oliveira era de 2\$000 (réis) por dia, com alimentação, e 3\$000 (réis) por dia, sem alimentação (MINAS GERAIS v. III, 1926, p. 246).

exportados, dentro dos vagões ferroviários,⁸ para outros centros consumidores (GAZETA DE MINAS, 2 de novembro de 1919, p. 2). Ainda que a população do distrito tenha saltado de 1.616 moradores em 1890 para 2.814 em 1920, o que representa um acréscimo de 74%, tratava-se de um crescimento modesto quando comparado com outras nucleações distritais. No caso de Carmo da Mata, por exemplo, o crescimento foi na casa de 200%. Na mesma direção, Santana do Jacaré, no final da década de 1910, continuou sendo o distrito de menor população municipal, com um volume demográfico 50%, 59% e 62% abaixo, respectivamente, dos distritos de São Francisco de Paula, Carmo da Mata e Nossa Senhora do Japão.⁹

Com uma disponibilidade limitada de trabalho assalariado, circulação de dinheiro e público consumidor, Santana do Jacaré não apresentava condições econômicas que viabilizasse a introdução e manutenção de cinema, cafés, bilhares ou outros estabelecimentos com inovações no campo do lazer. Mesmo os setores políticos não dispunham de receitas orçamentárias para a edificação de elementos modernizadores que afetassem as sociabilidades lúdicas dos moradores distritais. Na cidade de Oliveira, por exemplo, com uma arrecadação, no ano de 1920, 1.226% (67:763\$050 réis) maior que Santana do Jacaré, a Câmara Municipal direcionou recursos públicos para a construção de dois prédios teatrais, manutenção de uma biblioteca, subsídios para duas bandas de música, além da instalação de um jardim público com coreto e rinque de patinação (AMARAL, DIAS, 2019). Já no distrito santanense, com a menor arrecadação municipal (5:107\$000 réis), parte considerável dos recursos foi utilizada para a construção de um matadouro e um prédio escolar, ampliação dos serviços de água encanada, instalação de linhas telefônicas e reformas de algumas ruas centrais (GAZETA DE MINAS, 8 de novembro de 1914, p. 1; GAZETA DE MINAS, 2 de novembro de 1919, p. 2). Tais gastos comprometeram os repasses das verbas arrecadatórias, inviabilizando esforços para contratação de melhorias públicas dos setores do entretenimento.

De outra parte, longe de se constituir como um lugar isolado e temporalmente imóvel, o pequeno distrito buscou desenvolver novos hábitos de lazer atrelados a valores de progresso e sofisticação comportamental que ditavam ambições e expectativas das elites brasileiras da época. No final de outubro de 1919, por exemplo, segundo relatos de

⁸ A estação ferroviária da cidade de Bom Sucesso foi oficialmente inaugurada no dia 31 de outubro de 1887 (MINAS GERAIS, v. III, p. 421).

⁹ Em 1920, o volume demográfico dessas nucleações distritais era: São Francisco de Paula, 5.642 moradores, Carmo da Mata, 6.974 e Nossa Senhora do Japão, 7.455 (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 851).

um correspondente, as Sras. Maria Alvez Duca e Francisca de Carvalho organizaram, com a entrega de convites para o “escol da sociedade santanense”, um piquenique na Vargem Alegre, “uma vasta planície coberta de verdejante relva e situada na margem esquerda do Rio Jacaré, em cuja orla começa e vai terminar na encosta da montanha”. Os convidados, cerca de 300 pessoas, foram recepcionados, na casa do Coronel Duca, com espocar de fogos e breve apresentação da banda de música Lira Santanense. Após um percurso de dois quilômetros, ao chegarem “no alto do morro”, uma mesa foi improvisada, onde foi servido um lauto jantar, “verdadeiro banquete ao ar livre”. A banda de música executou várias peças e depois do jantar foram todos fotografados. Logo após, voltou-se para o “arraial” e muitas famílias dirigiram-se para a casa do Coronel João Alvez, pai de uma das promotoras. Ali, promoveu-se uma palestra “cheia de afeto para os amigos”, sendo acompanhada de uma *soirée*, “que se prolongou até 1 hora da madrugada” (GAZETA DE MINAS, 26 de outubro de 1919, p. 2).

Figura 4. Piquenique em povoação rural do distrito de Santana do Jacaré (sem data)



Fonte: Acervo da página Santana do Jacaré, MG, História e Cultura.

Dois anos antes, notícias veiculadas na *Gazeta de Minas* dão conta da realização de uma “sessão magna de extraordinário brilho”, na sede distrital, presidida pelos Srs. Capitão Dr. Ribeiro de Carvalho e Tenente Dr. Teixeira Câmara. Nesta ocasião, fundou-se a Linha de Tiro de Santana do Jacaré, o que recebeu elogios na imprensa “pelo seu devotamento à causa sagrada da pátria” (GAZETA DE MINAS, 25 de novembro de 1917, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de fontes arroladas neste estudo aponta para uma estreita relação entre desenvolvimento rural e a ampliação da oferta de práticas de lazer entendidas por grupos abastados como sofisticadas, modernas e progressistas. De uma parte, um setor agropecuário mais dinâmico poderia favorecer, como de fato parece ter favorecido, processos de crescimento demográfico, aumento da disponibilidade de trabalho assalariado e das receitas públicas, bem como diversificação dos comércios e serviços urbanos. De outra parte, agentes políticos, com maior disponibilidade de recursos, tinham a oportunidade de investir em melhorias públicas, seja construindo um jardim público com coreto, um teatro, uma biblioteca ou ainda financiando bandas de música. Na mesma medida, empresários do ramo do entretenimento, valendo-se de um cenário econômico mais favorável, enxergavam um leque oportuno de investimentos em bilhares, cafés, charutarias ou ainda cinemas, o que servia, a um só tempo, como recurso cultural e econômico, promovendo fonte de renda para empresários que ofereciam tais serviços, ao mesmo tempo que realizava expectativas imaginárias a respeito do grau de civilização de uma cidade.

Nos exemplos citados no texto, intervenções dessa natureza foram observadas na cidade de Oliveira e nos distritos de Carmo da Mata e Cláudio, este último emancipado em 1912, tendo todos, não por acaso, um profuso crescimento da população, mão de obra e produção rural. Já em Santana do Jacaré, diferentemente, com uma certa estagnação dos setores agropecuários, as formas de diversão permaneceram, quase exclusivamente, ligadas às práticas mais tradicionais, a exemplo das festas domiciliares, religiosas e tabernas. Em sentido contrário, porém, longe de se constituir como um lugar isolado ou temporalmente imóvel, grupos abastados santanenses se esforçaram para introduzir hábitos de lazer atrelados a valores de progresso e modernidade, que tão frequentemente ditavam ambições e expectativas das elites de grandes cidades brasileiras na transição entre os séculos 19 e 20, como foi o caso de piqueniques e da linha de tiro. Nada obstante, essas inovações podem ser entendidas como tímidas, quando comparadas com as inovações dos centros que experimentaram maior dinamismo dos setores rurais.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Rogério Othon Teixeira; NETO, Georgino Jorge de Souza; SILVA, Luciano Pereira da. O trem-de-ferro e o cinema em Montes Claros, MG: a projeção de um divertimento pelos trilhos do sertão mineiro. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-23, 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. “**À mania intoxicadora**”: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888- 1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. **Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925**. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2023.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, 2017.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lazer e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque**. Rio de Janeiro: Editora da Unicamp. 2012.

CUNHA, Alexandre. Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo. Horizonte, v. 11, n. 16, p.57-70, 2009.

DIAS, Cleber, *et al.* História do futebol em Minas Gerais. **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jan.-jun. de 2014.

DIAS, Cleber. História e historiografia do lazer. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2018.

DIAS, Cleber; MACHADO, Ana Flávia; HOSKEN, Vinicius Morais Silveira. O espaço da cultura em Minas Gerais: aglomerações territoriais, desenvolvimento socioeconômico e concentração regional entre 1920 e 2010. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 29, n. especial, p. 1195-1220, 2019.

DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses: Espetáculo de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

FERNANDES, Marcos Antônio. **A modernidade e os cinemas na cidade de São João del-Rei (1905-1961)**: registros arquitetônicos do teatro Municipal, Cine Glória e Clube

Teatral Arthur Azevedo. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

LOTT, Wanessa Pires. **Cenas festivas da/na cidade de Belo Horizonte, 1897-1922**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOTA, Andreza Gonsalez Rodrigues. **Divirta-se quem puder: história e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Illustrada, 1927-1928**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga; LISBOA, Jakeline Duque de Moraes; DIAS, Cleber. O mercado de entretenimentos em Juiz de Fora, 1867- 1924. In: DIAS, Cleber (org.). **História das indústrias culturais em Minas Gerais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. **Uma história dos divertimentos do Sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PERES, Léa Freitas (Coord.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). **Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ROCHE, Daniel. *O povo de Paris: ensaios sobre a cultura popular no século XVIII*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **História do Brasil nação: A abertura para o mundo, 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 1, p. 135-159, 2019.

FONTES PRIMÁRIAS

AHCRM - **Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes**. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 21, 1878, p. 86.

AHCRM - **Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes**. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 22, 1890, p. 172.

AHCRM - **Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes**. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 40, 1899, p. 120.

AHCRM - Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 69, 1912, p. 170.

AHCRM - Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 60, 1908, p. 152.

AHCRM - Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 72, 1913, p. 154.

AHCRM - Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 85, 1918, p. 114.

GAZETA DE MINAS, 1 jan. 1899, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 10 de agosto de 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 13 de maio de 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 14 de abril de 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 14 de outubro de 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 15 de fevereiro de 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 2 de dezembro de 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 2 de novembro de 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 20 de outubro de 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 24 de dezembro de 1911, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 24 de julho de 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 25 de novembro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 26 de outubro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 26 de outubro de 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 28 de maio de 1899, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 3 de março de 1912, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 4 de abril de 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 6 de outubro de 1907, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 7 de janeiro de 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 7 de maio de 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 8 de novembro de 1914, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 1 de dezembro de 1893, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 17 de fevereiro de 1899, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, 18 de dezembro de 1898, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, 29 de agosto de 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, 3 de agosto de 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, 5 de fevereiro de 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 7 de agosto de 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, 9 de outubro de 1898, p. 1.

MINAS GERAIS. Secretaria das Finanças. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Raul Soares de Moura**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

MINAS GERAIS. Secretaria de Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Anuário estatístico**: ano 1 (1921), v. II III e IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. **Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913.



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 24/01/2024

Parecer dado em: 06/03/2024